

HQ, CHICO BENTO E A FORMAÇÃO DO(A) LEITOR(A): UMA ABORDAGEM SEMIÓTICO-LINGÜÍSTICA

Darcilia Simões e Elaine Ferrari

I- INTRODUÇÃO

O presente estudo visa apresentar dados obtidos em um levantamento semiótico-lingüístico realizado sobre um *corpus* de gibis do *Chico Bento* (criação de Maurício de Sousa). Também pretende capitalizar traços imagéticos e lingüísticos os quais possam acelerar o processo de estreitamento de relações e de reforço de prazer entre leitor(a) (sobretudo, o infantil) e texto.

Signos verbais e não-verbais participam da composição das histórias em quadrinhos (HQs), tratando-se, portanto, de *corpus* complexo que permite focalizar a diagramação textual em dois níveis: o imagético – não-verbal; e o paradigmático – na seleção vocabular.

A eleição de *Chico Bento* decorre de ser esta uma criatura ficcional que evoca a questão do preconceito cultural: desde confrontos figurativos entre personagens em ação nas historinhas até a batalha verbal. A fala de *Chico Bento* já foi considerada perniciosa para o público-leitor infantil; quase um desserviço. No entanto, segundo a variação polissígnica, vê-se que a linguagem dos gibis – sobretudo o *Chico Bento* – contém um manancial de elementos educativos do ponto de vista textual (*lato sensu*), e os diálogos travados pelos signos verbais e não-verbais na composição do personagem, caricatura de um tipo humano regional, só podem enriquecer a experiência leitora, à medida que subsidiam a discussão dos mais variados conteúdos: lingüísticos, pictoriais, sociais, culturais.

Portanto, na esteira da semiótica de Peirce (*cf.* Nöth, 1995) e da lexicologia, pretende-se analisar a diagramação imagética (não-verbal) e a diagramação paradigmática (seleção verbal), com vistas à formulação de uma taxionomia que subsidie o aprofundamento de trabalhos com textos,

avanzando para além das estruturas lingüísticas, para tornar os textos mais apetitosos aos olhos dos leitores principiantes.

Segundo Peirce, o mundo é indiscutivelmente um compósito de signos de variada natureza. Tem-se, então, que tal configuração sígnica faria do mundo um grande texto, e que cada porção de imagem (qualquer imagem) permitiria uma decifração de base hermenêutica correspondente à atividade restritamente definida como leitura (*cf.* iconicidade textual imagética – Nöth, 1995: 47)

Tomando por base um dos conceitos elaborados por Calvino (1990), que afirma que a linguagem verbal e a visual travam diálogos intensos e imemoriais entre si e provocam outros tantos entre seus autores e leitores, é possível reforçar a idéia de que o dialogismo estende-se para além do âmbito verbal, e por isso o texto e a leitura são, respectivamente, produto e processo emergentes de elaboração sígnica, independentemente da natureza do código em uso.

Este trabalho baseado em HQs explora, em dois níveis, o processo de produção desenvolvido por Maurício de Sousa na construção do personagem Chico Bento:

1º nível: a produção figurativa visual do menino caipira (e de seus pares), que traz à tona todo um conjunto de traços que, de certa forma, tipificam (ou estigmatizam?) os habitantes do campo. Roupas rústicas, cabelos e dentes maltratados, gestos rudes desenham um Chico Bento como se fosse *in natura*;

2º nível: a produção lingüística, na qual se vê a fala representada por uma escrita pretensamente fonética, por meio do que se tem em vista trazer ao(à) leitor(a) a impressão de contato direto com uma variante geográfico-social da língua portuguesa do Brasil.

Os dados visuais imagéticos e lingüísticos são aqui analisados e exemplificados, ainda que resumidamente.

II- BASES TEÓRICAS

As hipóteses de trabalho aqui focalizadas são:

1ª) a da transferência dos esquemas semióticos de leitura para qual-

quer atividade relativa à produção/compreensão de textos, partindo do pressupostos de que a história das linguagens humanas permite a constatação da habilidade humana espontânea de entrecruzar códigos, associar sinais de diversa natureza para manifestar suas sensações, impressões e necessidades (cf. Simões, 1994);

2^a) a da utilidade de suporte semiótico no estudo do vocabulário – focalizado do ponto de vista da variação lingüística – considerando-se que a palavra é um signo visual e sonoro a um só tempo e, se observado com base na iconicidade, viabiliza um ensino muito mais produtivo e sem censura para qualquer registro, pois integra quadros com valores e funções diversas sem, no entanto, perder seu valor interacional e de expansão da cosmovisão do(a) falante.

Com base nesta linha de raciocínio, torna-se possível concluir que os procedimentos escolares tradicionais reduziram a comunicação humana ao nível verbal escrito, deixando de fora toda uma gama de sinais não-lingüísticos de suma relevância para a compreensão das mensagens. Tal atitude não atende mais às necessidades de uma era cibernética, onde a comunicação humana é plural, plurissígnica, multidimensional.

Isto deixa óbvio que nas HQs há um vasto espaço de trabalho para o desenvolvimento da linguagem e de seus usos, pois a aquisição de códigos comunicacionais múltiplos (no caso a imagem pictorial e a palavra associadas) promove o exercício de um espectro muito mais amplo de atividades mentais. Considerada a necessidade de desenvolvimento de esquemas de interpretação, por meio dos quais se realiza o processamento das informações extraídas da interação social, o contexto produzido pelas HQs oferece ao público-leitor (sobretudo o infantil) oportunidades de vivência e reflexão imaginativa.

O embasamento teórico fundamentado na semiótica de Peirce permite investigar o processo de composição da imagem textual e analisar a configuração básica das imagens (formas, posição, relações, etc.), bem como a estruturação dos diálogos. Neste caso, são postas em foco a seleção vocabular e suas implicações no âmbito da variação dialetal e seus reflexos na ampliação do repertório lingüístico dos escolares.

Segundo John Deely (1990), o objetivo ou assunto da investigação semiótica é não apenas o *signo* mas a ação destes, ou semiose. Esta ação ocorre em vários níveis que podem ser identificados como esferas ou zonas específicas de atividade signíca. Portanto, a semiótica é o conhecimento sobre a semiose, a explanação teórica sobre os signos e sobre o que eles fazem. A semiótica pertence ao quadro das teorias voltadas para o texto, isto é, ela procura descrever e explicar o que o texto diz e *como ele faz para dizer o que diz*. Assim, o texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto de comunicação e, desta forma, o estudo do texto visando à construção de seu(s) sentido(s) só pode ser entendido como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido.

Os leitores estão situados num contexto que lhes oferece elementos elucidativos (ou complicadores) para as suas leituras, pois os seres humanos interagem com o mundo, reformando-o e renovando-se a si mesmos a cada átimo de suas vidas. Logo seus repertórios de decifração – que são então individuais e coletivos a um só tempo – os referenciais imediatos para suas leituras, somar-se-ão com os de seus pares, compondo, assim, o interpretante coletivo (Pignatari, 1976) – ou senso comum.

A semiótica visa ao relacionamento entre a estrutura do texto e a interpretação extensional do mundo, o mundo possível ou o complexo de mundo, que é trabalhado em forma de texto, implicando, assim, elementos contextuais, ou seja, externos ao texto e co-textuais, ou seja, internos ao texto. É um estudo que se volta à questão da compreensão e produção de textos.

Todo pensamento ou conceito está inextricavelmente ligado às funções representativas não sendo capaz de interpretar a si mesmo. “A interpretação somente pode realizar-se através do signo.”¹ Tal constatação levou Peirce a desenvolver uma teoria dos signos, que consiste numa lógica semiótica de algo que, para alguém, equivale a alguma coisa, sob algum aspecto ou capacidade. O mesmo que:

¹ Peirce. São Paulo: Abril Cultural, 1990 (Série “Os Pensadores”).

² *Ibid.*

(...) nenhum signo pode literalmente aquilo que significa. Se uma nuvem, por exemplo, é sinal ou signo de chuva, ela não é idêntica à própria chuva, mas tão-somente a indica. O mesmo ocorre com a palavra “chuva”, ela também é apenas um signo de chuva, com a qual não se identifica. Da mesma forma, pensamento algum pode ser literalmente aquilo que significa. Em suma, as idéias ou pensamentos implicam um objeto para interpretação, um intérprete do objeto e a interpretação propriamente dita.²

Utilizando o jargão técnico, vêm ao texto as palavras de Ferrara (1986: 87):

(...) na intersemiose, os signos são como vestígios, índices peirceanos que se articulam em ícones, caminham da convencionalização mais ou menos acentuada para o desenho, para a imagem.

Considerando que aprender uma língua é refletir sobre um processo cultural, multimídia, enfatizam-se as relações entre linguagem e pensamento e partilha-se da idéia de que o pensamento só existe quando possível de ser manifestado, logo, o pensamento se corporifica em signos que o representam. Isto posto, parte-se em busca da hermenêutica dos signos, por meio da qual torna-se possível conhecer o potencial plural da comunicação e expressão humanas, ao mesmo tempo em que se promove a conscientização da importância do código verbal na função de tradutor dos demais códigos.

Levantados os elementos das histórias de *Chico Bento*, possibilita-se a demonstração da riqueza do lidar com variados códigos e registros, a necessidade de uma revisão do conceito de competência comunicativa. Pois cada código traz em si um panorama sociocultural específico, logo, não representa mais nem menos que outro. Apenas representa um universo específico que carece de tratamento particular, sem maiores pudores ou confinamentos de qualquer natureza.

Coletaram-se dados que ilustram o fato de que cada ser humano representa um universo particular e, por isso, ‘lê’ o contexto de forma

especial e específica. Linguagem, sexo, faixa etária, camada social, profissão, etnia, religião. não são traços discriminatórios, mas variáveis a serem consideradas quando da análise dos textos, uma vez que são elas as auxiliares na interpretação dos sinais configuradores da imagem textual.

Analisando-se a mensagem de *Chico Bento* no plano figurativo visual, situando-se no nível representacional (que se vê e se identifica com base no meio ambiente e na experiência), serão tomados os componentes da criatura rural em questão, para uma breve análise.

1. A ANÁLISE SEMIÓTICO-FIGURATIVA

Na óptica da sintaxe visual, tem-se que a realidade é a experiência visual básica e predominante. Assim, uma pessoa caipira pode ser identificada através de uma forma geral e de características lineares e detalhadas. Isto porque todos os caipiras compartilham referentes visuais comuns dentro dessa categoria mais ampla. Em termos predominantemente representacionais, contudo, os caipiras se inserem em classificações individuais, e o conhecimento de detalhes mais sutis de cor, proporção, tamanho, movimento e sinais específicos é necessário para que se possa distinguir um caipira do sexo masculino de outro feminino, um ancião caipira de um jovem caipira. Toda essa informação visual é facilmente obtida através dos diversos níveis da experiência direta do ato de ver. Todos os seres animais são câmeras originais; todos podem armazenar e recordar, para sua utilização e com grande eficiência visual, toda essa gama de informações visuais. As diferenças entre a câmera e o cérebro remetem à fidelidade da observação e à capacidade de reproduzir a informação visual.

O processo de criação de uma imagem visual pode ser descrito como uma seqüência de passos que vão de alguns esboços iniciais em busca de uma solução qualquer até uma escolha e decisão definitivas, passando por versões cada vez mais sofisticadas.

Tomada do âmbito sócio-cultural, explora-se a construção do cenário e envereda-se pelas cenas pictorialmente descritas. Também o gestual

desenhado nas HQs em exame demonstra interpretações diferenciadas, portanto, enriquecedoras para o(a) leitor(a) em formação. A vida caipira se desenvolve num conjunto de hábitos e atitudes bem distintos do comportamento urbano. Assim, é verificável no texto um conjunto de cenas que servem para o estudo da plurissignificação (preparando as bases para o estudo da polissemia no plano verbal).



Quadro 1



Quadro 2



Quadro 4

Quadro 3



Observem-se os casos a seguir:

Os espaços roça e cidade podem ser observados do ponto de vista dos semas representados nas figuras (os sinais + e – significam presença e ausência, respectivamente) assim:

Figura 1 - O confronto de elementos visuais

Elemento visual	Roça	Cidade	Comentário
Banheira (Quadro 1)	-	+	Foi interpretada por Chico Bento como sendo um pequeno lago.
Praia (Quadros 2 e 3)	-	+	A praia é mais que contato com a natureza; é um evento social aos olhos de Chico Bento. Assim, pensou em tomar banho de mar com calças compridas.
Automóvel (Quadro 4)	-	+	Os veículos da cidade são diferentes dos usados no campo. Por isso, Chico Bento sentiu-se deslocado no carro de seus amigos. O lugar no banco de trás também indica uma posição pouco privilegiada para o visitante. Normalmente, ele estaria no banco dianteiro para melhor apreciar a paisagem, mas como se trata de uma criança, tem de ficar no banco traseiro.
Água (na banheira) (Quadro 1)	-	+	Na roça, água é sinônimo de natureza. Os camponeses convivem com os riachos, as lagoas e lagos, os açudes da mesma forma que convivem com o sol, as árvores, os animais. Na cidade, os usos da água são estilizados. Na busca por referência, Chico Bento associa a imagem da banheira à de um pequeno lago e entra nele acompanhado de aves, com as quais divide a alegria do banho.
Água (praia) (Quadro 3)	-	+	O camponês vive longe da praia. Por isso, tal cenário lhe é estranho.

Estas são somente algumas idéias sobre o confronto de elementos visuais nas histórias. Obviamente, várias outras análises, fundamentadas em outros elementos visuais, *exempli gratia*, cores, poderiam ser feitas. Por ora, passa-se à análise do elemento verbal.

2. A ANÁLISE SEMIÓTICO-LINGÜÍSTICA

Foi possível constatar a possibilidade de ampliação do repertório lingüístico com base na exploração das leituras múltiplas de um mesmo texto-objeto, onde o léxico de cada leitor(a) era complementado pelo dos demais leitores.

A complexidade do código das HQs é uma das fontes de riqueza alimentadora da fertilidade da interpretação múltipla.

Entende-se por código complexo todo aquele que reúne signos de naturezas diversas, isto é, que se produzem por matéria específica e exigem percepção diferenciada, ou seja: os sons são captação auditiva; os

gestos, captação visual; a pintura opera com as cores, a geometria versa sobre as formas. Deste modo, a pintura cubista, por exemplo, atua sobre as cores e as formas geométricas, exigindo assim, domínio de códigos distintos para sua interpretação mais completa.

As HQs possuem um código imagético bastante semelhante ao dos desenhos animados, descontada a ausência de movimento. Entre os signos utilizados nas HQs de Chico Bento, confrontam-se dados verbais que poderiam ser comentados da seguinte maneira (levando em conta a reação verbal de Chico Bento diante das cenas):



Quadro 5



Quadro 6





Quadro 9

Figura 2 - O confronto de dados verbais

Descrição da cena	Visão inicial	Visão informada	Presença / Ausência		Comentário	Título da história
			Roça	Cidade		
Homem portando malas	Ladrão de malas	Carregador	-	+	Ofício inexistente na roça	Semana na praia
Hotel	Moradia	Alojamento temporário	-	+	Viagens e alojamentos temporários não fazem parte da vida na roça.	Idem
O Carregador de malas do hotel estende a mão ao hóspede ao deixar suas malas no quarto	Cumprimento	Pedido de gratificação (gorjeta)	-	+	Na roça não é costume pagar gorjetas	Idem

Hotel com várias opções de lazer	Férias	Descanso	?	+	Hotel não existe na vida rural	Idem
Rezando missa o padre declara que todos somos irmãos perante Deus	Irmão = laço de sangue	Irmão = parentela espiritual	?	+	O conhecimento de uma acepção da palavra, inicialmente, gerou malentendido.	Irmãos!

Do ponto de vista semântico, as HQs de *Chico Bento* também fornecem rico material para exploração didática.



Quadro 10

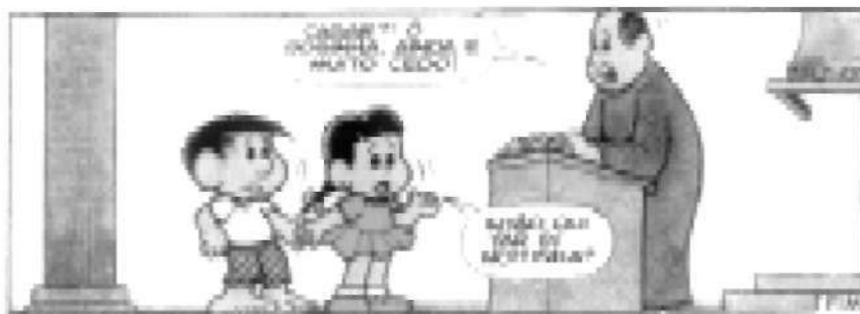
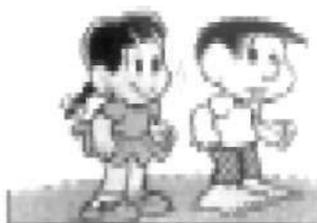


Figura 3 - Análise semântica

Vocábulo	Significado 1 (pretensão)	Significado 2 (interpretação)	Comentário	Título da história
Estrelas	Corpos celestes	Celebridades	Desconhecimento da expressão 'hotel cinco estrelas'	Semana na praia
Fotógrafo	= autógrafo	Profissional da fotografia	Confusão fonossemântica	Idem
Cedo	Precoce	De manhã	Desconhecimento da polissemia	Irmãos

III- CONCLUSÃO

Com base na exemplificação feita através dos quadros, pode-se concluir que o estudo do vocabulário apoiado num material como as HQs de *Chico Bento* favorece a compreensão da arbitrariedade da linguagem, permitindo aos indivíduos o questionamento dos modos de ver a si mesmos e aos outros, das categorizações de pensamento e das classificações tomadas como indiscutíveis.

Com o presente estudo, pretende-se ampliar os caminhos do trabalho no âmbito do ensino-aprendizagem das linguagens e da comunicação, sobretudo porque os Parâmetros Curriculares Nacionais (oriundos dos preceitos da nova LDB - Lei 9394/96) trazem como principal eixo da proposta o respeito às diversidades, considerando-se a linguagem como capacidade exclusivamente humana de articular significados coletivos e compartilhá-los por meio de sistemas representativos arbitrários variáveis de acordo com as necessidades e experiências. Nota-se que a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.

Tomando-se ainda a linguagem como herança social e realidade inicial de um indivíduo, pode-se afirmar que aquela envolve estes, pautando por meio de simbolismos suas estruturas mentais e emocionais.

Não há linguagem no vazio, pois seus objetivos primordiais são a interação e a comunicação dentro de um espaço social. Já se sabe que ambos os objetivos podem se realizar por meios verbais, não-verbais ou por meio da co-participação de ambos, fato este que ocorre nas HQs.

Aliando-se, então, a leitura da imagem visual pictorial, portanto não-verbal, à composição dos diálogos verbais, torna-se possível uma aquisição mais completa de elementos textuais que enriquecem a competência comunicativo – interacional do falante, uma vez que ampliam seus horizontes expressivos por meio do contato com diferentes visões e representações do mundo.

Finalizando, deixa-se como sugestão analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens; correlacionar textos a contextos; possibilitar a identificação das variações dialetais, respeitando suas nuances, tradições e razões de ser. Quanto ao eixo não-verbal, estimular a atenção para com a co-participação dos signos pictoriais na produção das HQs como elemento indispensável na educação do *ver*, que é condição *sine qua non* para o desenvolvimento da leitura e da produção de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Calvino, I. *Seis estudos para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Deely, J. *Semiótica básica*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

Nöth, W. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Anna Blume, 1995.

_____. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Anna Blume, 1996.

Simões, D. *O livro sem-legenda e a redação*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, tese de doutorado em língua portuguesa, 1994.